

tam-se os extremos a que o homem pode subir e descer em busca de uma meta. Para este fim, João Ubaldo Ribeiro contrasta o universal com o regional, o épico com o mundano, e a simplicidade com a hipérbole. Em *Vila Real*, cria um romance cuja mensagem de protesto vai além do sócio-econômico, enriquecendo a técnica narrativa em todas suas dimensões e contribuindo, de uma maneira original, ao avanço do gênero.

MALCOLM SILVERMAN

*San Diego State University.*

JORGE AMADO: *Farda fardão camisola de dormir*. Rio de Janeiro: Editôra Record, 1979.

Além de ser o ficcionista mais popular do Brasil, Jorge Amado é também dos mais prolíferos: o romance atual é sua vigésima-quinta obra. Basicamente, segue na mesma tradição neo-picaresca que tem ocupado uma posição proeminente na obra do autor, desde o lançamento de *Gabriela, Cravo e Canela* (1958). Ao mesmo tempo, porém, *Farda* difere de seus romances mais recentes, mas só como relação ao tamanho e local.

Mantendo-se fiel à referência subtítular de «fábula», o trecho é anormalmente simples, para uma narrativa amadiana. São os primeiros dias da Segunda Guerra Mundial, no Rio de Janeiro, e as novas chegadas da Europa são tão deprimentes que provocam a morte de Antônio Bruno, poeta laureado, defensor da dignidade humana, Don Juan querido e imortal da Academia Brasileira de Letras. Sua vaga logo se torna o centro de controvérsia —assim que o Cel. Sampaio Pereira, colaborador nazista e escritor medíocre, decide se candidatar. A esta altura, os amigos do defunto reagem, promovendo a candidatura do Gen. Moreira, cuja produção literária é também medíocre, mas cuja política oposicionista parece mais compatível com a decência democrática e a memória do falecido. Tanto os aspirantes como os defensores põem-se a encontrar com os diferentes imortais, tentando assegurar votos para a eleição vindoura. De repente, o fascista Sampaio Pereira morre, deixando o outro como candidato único —que está se revelando cada vez mais potente e autoritário. Daí, seus partidários, sempre relutantes, ficam sendo seus inimigos e se empenham em derrotá-lo. O choque do fracasso mata o General e a integridade é conservada.

Através de *Farda*, há presente um tom leve e contínuo, cuja perspectiva positiva é interrompida só temporariamente, com alusões passageiras a atrocidades nazistas e excessos estacionovista. Até a morte, sofrimento e tortura são tratados rotineiramente, de uma forma ou tragicômica ou heróica. Estruturalmente, o romance divide-se em três partes, cada uma das quais começa com um título-crônica, concentra-se normalmente numa das figuras centrais, e termina com o óbito duma delas. Quanto a coesão interna, *Farda* dispõe de uma consistência simétrica: o autor focaliza a sociedade carioca das classes média e alta, e a entretete com as maquinações de alguns imortais ativos e simpáticos (por ex., Afrânio Portela, Evandro Nunes dos Santos e Lisandro Leite), junto com uma série de mulheres dedicadas à memória de Bruno (por ex., Maria Manuela, Rosa, Maria João e Mariana). Muitos são similares, e todos, repetitivos —tanto em suas próprias qualidades quanto em seus (inter-) relacionamentos com os outros. Também são, em sua maioria, confinados a locais domésticos rotativos, e a um período temporal fixo: a ação inicia-se com a morte de Bruno e encerra-se com a eleição de seu sucessor. Além disso, um

só narrador, onisciente e sarcástico, está presente de capa a capa, ostentando sua parcialidade desinibida em favor das forças pró-Bruno; e se põe a desenvolver personagem e tema da mesma forma intrigante e humorosa.

À primeira vista, a caracterização parece ser bifurcada, igual aos velhos romances engajados de Amado: isto é, entre o bem e o mal, ou a esquerda e a direita. Porém, todas as figuras masculinas —das quais vêm as principais com exclusividade— mostram bastantes fraquezas humanas, ao passo que as mulheres, como personagens secundários de importância, são heroínas modernas, sejam as ex-amantes (lindas) de Bruno, sejam as esposas dos acadêmicos. Só o Cel. Sampaio Pereira é a maldade encarnada, e portanto, sua apresentação é inteiramente negativa. Como as demais figuras principais, ele é revelado através duma mistura tipicamente amadiana de (pouca) descrição estática e (muita) dinâmica: uma sinopse biográfica inicial, reforçada no *corpus* de *Farda* pelo monólogo interior indireto, diálogo (truncado) e, de crescente importância, dos pontos de vista de outros. A respeito de Antônio Bruno, cuja onipresença permeia o romance, apesar de morto nas páginas iniciais, sua apresentação é necessariamente retrospectiva. Amigos e amantes lembram de suas ligações pessoais com ele, mediante farta *flash-back* prolongada; e assim, aprofundam a caracterização tanto dele quanto dele mesmos. Em essência, Amado sintetiza suas criações significantes no próprio título de *Farda fardão camisola de dormir*: soldados, imortais e as mulheres cuja vida foi mudada por Bruno. Ora, vão e vêm dúzias de figuras menores —imortais fugidios, jornalistas abusados, idealistas, dogmáticos e oportunistas do partido comunista e fátuos lacaios— todos servindo para completar o ambiente pulsante e/ou enfatizar fins temáticos.

A intenção admitida do romancista, como exposta no subtítulo, é «acender uma esperança». É a antiquíssima tese do bem a triunfar sobre o mal, apesar das condições mais adversas. À um nível, esta «fábula» é uma alegoria paródica da tese de Amado, da guerra coletiva européia, condensada num conflito pessoal abrazeirado, à guisa de uma eleiçãozinha de Academia. Seu sucesso, conseguido pela unidade, determinação, justiça e amor, prevê e simboliza —dentro do contexto temporal de *Farda*— a vitória futura dos Aliados. A outro nível, o ficcionista está claramente criticando e ridicularizando o clima político atual do Brasil, onde uma força militar pretenciosa está de novo abusando de seu poder —igual ao caso sob o *fiat* ditatorial de Vargas— perpetrando todo tipo de tortura e censura. Todavia, agora como então, a liberdade vai prevalecer, incentivada por homens (e mulheres) de boa vontade, singularmente dispostos a enfrentar o desafio. Como sempre, a abordagem fatalista de Amado é amainada com o tipo de vago contraponto que permite um otimismo modesto.

O autor reconta sua mensagem num estilo simultaneamente imbuído de lirismo romantizado (por ex., nas muitas passagens relacionadas com encontros amorosos) e realismo quase jornalístico (por ex., o que concerne à guerra européia e aos protestos dentro do Brasil). Infunde esta prosa com mais sarcasmo que ironia, e mergulha todo o panorama numa mescla cômica de hipocrisia burguesa, situações caricaturais, sátira flagrante, suspense anticlimático, e figuras que, embora estereotipadas, são ricamente retratadas —algumas das quais, pessoas reais facilmente reconhecíveis. A combinação faz com que *Farda* seja uma obra de ficção divertida, e não um romance de tese corriqueiro; e é mais um crédito à carreira única e extraordinária, que representam as narrativas vibrantes e sempre atualíssimas de Jorge Amado.

MALCOLM SILVERMAN

San Diego State University.